

ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DA BANANA NO ESTADO DO CEARÁ

João Adriano Lopes Custódio.

Mestre em Economia Rural – Universidade Federal do Ceará.

E-mail: adriano.custodio@bol.com.br

Lúcia Maria Ramos Silva.

Livre Docente, Professora do Departamento de Economia Agrícola da Universidade Federal do Ceará.

E-mail: lramos@ufc.br

Ahmad Saeed Khan.

PHD em Economia Agrícola, Professor do Departamento de Economia Agrícola da Universidade Federal do Ceará.

E-mail: saeed@ufc.br

Lucas Antônio de Sousa Leite.

Doutor em Economia Agrária, Pesquisador da EMBRAPA – CNPAT.

E-mail: lucas@cnpat.embrapa.br

Grupo de Pesquisa - 07

ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DA BANANA NO ESTADO DO CEARÁ

Procurou-se identificar e analisar a cadeia produtiva da banana produzida pelos pequenos produtores nos principais municípios dos pólos tradicionais de produção no Estado do Ceará. Foram elaborados questionários específicos para cada agente da cadeia produtiva. Verificou-se que os produtores utilizam tecnologias atrasadas, recebem pouca assistência técnica, têm pequena disponibilidade de crédito, são desarticulados do mercado e, portanto, têm pouco poder de barganha na comercialização do seu produto, que, na maioria, é repassado ao atravessador. Constatou-se que parte considerável da banana comercializada no Ceará é importada de outros estados. Os varejistas são exigentes com relação à qualidade do fruto, contudo, não mantêm contrato formal com os outros elos da cadeia. Conclui-se que, caso não haja incentivos governamentais (crédito, assistência técnica, disponibilidade de tecnologias modernas, treinamentos, etc.) aos produtores dessas regiões, a exemplo do que ocorre nos pólos de produção de frutas irrigadas, poderá haver mais desestímulo à produção, com problemas de desemprego e outros problemas sociais relevantes, como, por exemplo, o êxodo rural.

PALAVRAS-CHAVE : Agronegócio, cadeia produtiva , banana.

INTRODUÇÃO

A banana é uma das frutas mais consumidas no mundo, sendo explorada na maioria dos países tropicais. No Brasil, ela é cultivada em todos os estados, constituindo-se na segunda fruta mais apreciada pelos consumidores brasileiros, situando-se atrás apenas da laranja. É consumida em quase sua totalidade na forma *in natura*, o que faz dela parte integrante da alimentação da população de baixa renda, não só pelo seu alto valor nutritivo, como também por seu custo relativamente baixo.

Ao longo dos anos, a cultura da banana tem apresentado grande importância para a agricultura cearense, devido ao expressivo valor da produção em relação às demais culturas agrícolas locais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1996, a cultura apresentou valor da produção igual a R\$ 41.849,00, enquanto o caju, principal cultura permanente, em termos de área e formação de divisas, gerou um valor da produção da ordem de R\$ 33.501,00, considerando-se o valor gerado com castanha.

Apesar da importância da banana para o Ceará, existe grande deficiência de informações quanto ao desempenho desta cultura para o agronegócio no Estado, ou seja, a falta de informações precisas impossibilita uma avaliação correta do que está ocorrendo nos diversos elos da cadeia produtiva, restringindo, assim, a existência de políticas específicas voltadas para esta cultura.

OBJETIVOS

O objetivo geral do trabalho é a análise da cadeia produtiva da banana produzida pelos pequenos produtores nos polos tradicionais de produção no Estado do Ceará. Especificamente, pretende-se: a) identificar os principais pólos produtores de banana no Estado; b) identificar a fonte e os tipos de insumos mais usados nos principais pólos de produção; c) identificar e caracterizar os fluxos de destino da produção desde o produtor até o consumidor final; d) identificar os fatores limitantes ou pontos de estrangulamento ao longo das diversas etapas da cadeia, com o intuito de desenvolver demandas para pesquisa e desenvolvimento.

METODOLOGIA

Aspectos Metodológicos da Pesquisa

Os estudos referentes a cadeias agroindustriais surgiram da necessidade de se abordar a agricultura como um sistema, onde a ênfase deva ser um enfoque global e não pontual. Para LEITE & PAULA PESSOA (1996), no contexto atual, é necessário que os atores envolvidos no setor mencionado tenham uma visão holística do negócio, que vislumbrem o todo, suas partes relevantes e seus inter-relacionamentos. Não é mais possível planejar setorialmente, sem levar em conta os desdobramentos ao longo da cadeia produtiva. Há, portanto, a necessidade de mudar o foco setorial (agricultura, indústria e mercado) para uma visualização que permita enxergar-se o dinamismo dessas cadeias. Estratégias focalizadas individualmente estão perdendo a importância. Otimizações pontuais não garantem a otimização global da mesma (GOLDRATT & COX, 1993, e NOVAES & ALVARENGA, 1994), citados por LEITE & PAULA PESSOA (1998).

Desta forma, processaram-se as mudanças no caráter dos estudos relativos ao setor agroindustrial. O setor passou a ser estudado não apenas na etapa da produção propriamente dita, mas também nas etapas que antecedem e sucedem essa produção, de forma dinâmica e inter-relacionada. Genericamente, usam-se os termos “antes da porteira”, “produção propriamente dita” e “depois da porteira” (ARAÚJO, 1990). Ainda segundo este autor, citado por LEITE & PAULA PESSOA op.cit. , o valor total das operações ligadas ao complexo agroindustrial brasileiro seguiu, no ano em questão, as seguintes proporções: 8% (“antes da porteira”), 32% (“produção propriamente dita”) e 60% (“depois da porteira”). Esses números referendam a importância do enfoque sistêmico neste tipo de estudo .

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em várias etapas. Os dados utilizados originaram-se de entrevistas diretas com os agentes que formam os diversos elos da cadeia produtiva da banana no Estado do Ceará. Também foram usados dados de origem secundária e conversas informais com os diferentes atores que compõem esta cadeia. Referidos dados foram trabalhados e agrupados em tabelas, para posterior análise tabular e descritiva

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Delimitação da Cadeia Produtiva

Os pólos e os respectivos municípios utilizados na pesquisa para informações relativas a produtores foram os municípios de Baturité e Pacoti no Maciço de Baturité; Uruburetama, na Região de Itapipoca, e Maranguape, na Região Metropolitana de Fortaleza. Estes foram escolhidos devido à tradição no cultivo de banana.

Em relação aos atacadistas, o ambiente de estudo escolhido foi a Central de Abastecimento S.A. (CEASA-CE), localizada na região metropolitana de Fortaleza, que congrega os principais intermediários envolvidos nesse elo da cadeia.

No que tange aos varejistas, a pesquisa direta foi realizada em comércios da cidade de Fortaleza, incluindo-se aí todos os níveis de varejo (hipermercados, mercadinhos, quitandas e feiras-livres).

Também houve uma consulta a consumidores em feiras-livres e a consumidores com perfil de compra nos outros setores varejistas (hipermercados, mercadinhos e quitandas).

No Estado do Ceará, grande parte da produção de banana é oriunda dos pequenos produtores das tradicionais áreas de exploração da cultura. Assim, nesse estudo, selecionou-se este segmento do agronegócio da banana para análise da cadeia produtiva. Segundo a Associação Brasileira de Indústrias de Alimentos (ABIA), em 1996, no Brasil, o comércio do fruto *in natura* correspondeu a 99% do volume total, enquanto apenas 1% direcionou-se à indústria. Desta forma esse tipo de fruto serviu de base para este estudo. Selecionou-se, ainda, as variedades Prata e Pacovan, uma vez que as mesmas foram responsáveis por 97,02% e 95,44% do volume comercializado na Central de Abastecimento S.A. (CEASA-CE), em 1998 e 1999, respectivamente. Deve-se esclarecer que a cadeia da banana não se limita a essa configuração. Além deste, existe e se prenunciam outros cenários no Estado do Ceará.

Análise da Cadeia Produtiva da Banana no Estado do Ceará

Etapas a Montante da Produção

No que diz respeito aos órgãos de apoio à produção, verificou-se ausência de integração entre os envolvidos. A assistência técnica apresenta-se de forma bastante deficiente. Os dados mostraram que 58,62% dos produtores não recebem assistência. Entre os 41,38% que contam com este serviço, 8,05% são atendidos por empresas privadas.

O crédito agrícola também foi insuficiente para atender aos bananicultores. Dos produtores entrevistados, 68,96% não têm acesso a crédito.

A despeito do quadro favorável à pesquisa direcionada ao setor agrícola do Estado, as instituições comprometidas com este setor não têm mostrado interesse em pesquisar a cultura da banana no Ceará. A ausência de estudos relacionados à cultura não condiz com a importância que esta representa para o Estado.

Procurou-se identificar as características dos principais insumos usados na produção. Com relação à origem das mudas, os dados mostram que 82,76% dos produtores adquiriram as mesmas de outros plantios da própria propriedade ou doadas por parentes, amigos, vizinhos. Com o intuito de reduzir os custos, os produtores não procuram adquirir mudas de melhor qualidade. Isso mostra a falta de importância dada pelos mesmos a um dos principais insumos do processo produtivo.

Produção Propriamente Dita

Inicialmente, os produtores foram indagados com respeito à razão pela qual cultivam banana. Dos entrevistados 31,03% dizem ter esta cultura como uma tradição do local ou dos antecessores da família; 20,69% afirmam que é a melhor alternativa da região; 17,64% dizem que a principal razão do cultivo é o fato da cultura possibilitar rendimentos constantes, após a estabilidade; 13,79% apontam os preços compensatórios; 13,79% destacam a vocação dos solos como a principal razão para o cultivo. Por fim, 3,45% dizem que a rapidez dos retornos é o principal motivo pelo qual se dedicam a esta atividade.

Com relação à utilização de irrigação no cultivo de banana, 31,03% dos produtores afirmam não irrigar a área. Os 68,97% restantes irrigam seus plantios da seguinte maneira: superfície (31,03%); aspersão convencional (13,79%); micro-aspersão (17,25%) e mangueira (6,90%). O percentual de produtores irrigantes apresentou-se elevado, contudo, a prática utilizada, na maior parte, é inadequada na área do estudo pois requer o uso excessivo de água, acarretando a escassez do produto.

Dos entrevistados, 31,03% não adubam o plantio. Entre os 68,97% que fazem uso dessa prática, 37,93% utilizam exclusivamente adubo orgânico, enquanto 31,04% usam adubo

químico e adubo orgânico. O adubo orgânico, em geral, é disponibilizado sem ônus para os produtores, que o obtêm da própria propriedade ou de propriedades de vizinhos, amigos ou parentes.

O desbaste é o principal trato cultural para a cultura, sendo realizado por 72,41% dos entrevistados. Apesar do índice relativamente alto de produtores que efetuam a prática, o desbaste não é feito da forma recomendada, pela assistência técnica, por aqueles que realizam este trato cultural.

Na análise da comercialização, buscou-se determinar os fluxos de destino da produção, com o objetivo de mapear o caminho seguido por esta fruta até o consumidor final. A maioria dos produtores, 62,07%, vende a produção a intermediários, que a obtêm na propriedade. Esses intermediários funcionam como aglutinadores e comercializam o referido produto nos entrepostos comerciais, principalmente na CEASA-CE. Esses atacadistas vão frequentemente à central e disputam o comércio com atacadistas “fixos” locais, que recebem a banana na própria central. Cerca de 24,14% dos entrevistados vendem seu produto diretamente na CEASA-CE.

A ausência de um elo direto entre produtores e consumidores eleva o preço do produto. Os intermediários povoam a cadeia e garantem a chegada do produto à mesa do consumidor. O grande número de intermediários, bem como suas margens de lucro, provocam uma diferença considerável entre o preço pago ao produtor e o preço pago pelo consumidor.

Quanto à embalagem, 82,76% dos produtores entrevistados vendem os frutos sem proteção. Os 17,24% restantes entregam o produto em caixas de plástico.

Foi também interesse do estudo conhecer os principais fatores limitantes à produção de bananas. A escassez de água foi apontada pelos produtores como o principal fator. Dos entrevistados, 52,71% apontaram este insumo como indispensável a um bom desempenho da cultura. Em seguida, citado por 37,93% dos produtores, vem a adubação, que está diretamente ligada à disponibilidade de água, já que o adubo só traz rendimentos satisfatórios com a presença deste insumo. A falta de assistência técnica foi mencionada por 17,24% dos entrevistados e uma maior adoção dos tratamentos culturais, também citado por 17,24%. Após esses fatores, foram citados, em menor escala, a escassez de crédito agrícola, com 10,34%; aquisição de mudas selecionadas, também com 10,34%; renovação do bananeiral, com 6,90%; baixo uso de tratamentos pós-colheita, com 6,90%, e ausência de mão-de-obra qualificada, também com 6,90%. Essas medidas pesam nos custos de produção, o que faz com que elas não sejam adotadas pelos pequenos produtores. Outro fator citado, em escala menor, mas que também é apontado pelos atacadistas como um problema, é a crescente entrada de banana oriunda de outros estados. Os produtores dos polos tradicionais, onde parte deste estudo se desenvolveu, em especial os de maior visão empresarial, estão preocupados com essa grande oferta vinda de fora. Além disso, esses produtores vêm desenvolver a cultura em outras áreas do Estado, como na região Jaguaribana, o que dificultaria ainda mais a comercialização desta fruta oriunda dos polos tradicionais.

Etapas a Jusante da Produção

Comércio Atacadista

Embora uma parcela de produtores faça a venda do produto direto ao varejista, os atacadistas, como já referido, estão muito presentes na cadeia produtiva da banana, constituindo-se os principais responsáveis pela distribuição do produto aos varejistas.

Dados obtidos junto à CEASA-CE mostram que a quantidade produzida de banana Prata, no período de 1994 a 1998, no Estado foi bem maior, em média, que a quantidade importada de outros estados. Vale ressaltar que a safra da cultura no Ceará vai dos meses de

julho a dezembro. Durante esse período, há um incremento na produção, o que provoca queda nos preços. Considerando-se a banana Pacovan, a quantidade anual importada, em média, no período de 1994 a 1998, foi bem maior que a quantidade proveniente do Estado, mostrando que existe uma demanda interna insatisfeita por este produto e que se deve analisar, portanto, a viabilidade do incremento deste produto no Estado.

Em relação à procedência da banana, verificou-se que os atacadistas “não-fixos” compram o produto oriundo do Estado, invariavelmente, enquanto os atacadistas “fixos” compram a banana produzida no Estado, na safra, e de fora, durante a entressafra. O Maciço do Baturité é o principal fornecedor da banana do Ceará, tendo como municípios mais importantes: Baturité, Pacoti, Palmácia e Mulungu. Em seguida, vêm Uruburetama e Limoeiro do Norte. Em uma escala menor, temos Pacatuba e Maranguape. A banana importada, segundo informações dos atacadistas, vem, principalmente, do Estado de Pernambuco.

No que diz respeito à manutenção dos fornecedores, os atacadistas entrevistados afirmam o seguinte: 60% mantêm os mesmos fornecedores durante todo o ano, enquanto 40% mudam de fornecedor durante a entressafra. Os que mudam de fornecedor são aqueles que importam o produto. Nessa categoria, se enquadram os atacadistas “fixos” na CEASA-CE.

Quando indagados sobre a embalagem dos frutos, todos os atacadistas afirmaram receber a banana sem embalagem, ou seja, sem proteção. Esse fato mostra a falta de habilidade dos produtores em agregar valor ao produto comercializado. Perguntou-se também se estariam dispostos a pagar um valor mais elevado pela banana, caso viessem em embalagem que garantisse melhor qualidade ao produto. A maioria (60%) dos atacadistas afirma que sim. Os 40% restantes acham que este custo adicional inviabilizaria as vendas, já que acreditam que os próximos elos da cadeia não estariam dispostos a assumir mais essa margem. Esse resultado mostra o equilíbrio entre preço e qualidade, como os principais condicionantes da venda do produto. Assim, cada vez mais, tem-se a necessidade de conciliar essas duas variáveis fundamentais ao processo de comercialização.

Comércio Varejista

Dentre as exigências feitas pelos varejistas, a principal é a qualidade da fruta. A ausência de injúrias é citada por 90% dos entrevistados como condição indispensável à compra. A constância da entrega é apontada por 60% dos varejistas consultados e aparece como a segunda exigência mais citada. O preço é citado por 40% dos varejistas como condicionante de compra. A climatização do fruto é exigida por 20% dos varejistas ouvidos, em geral hipermercados, que exigem um padrão especial segundo uma tabela que classifica a fruta em alguns tipos, de acordo com sua coloração. A metade dos varejistas recebe o produto nos seus estabelecimentos, enquanto 30% vão buscar junto aos outros agentes da cadeia. Os 20% restantes, tanto recebem o produto nos seus estabelecimentos, como vão buscar com os demais agentes da cadeia. As perdas, após a chegada do produto aos estabelecimentos varejistas, são, em média, de 5%

A frequência de compra de banana é a seguinte: 50% dos varejistas compram a fruta diariamente; 40% compram mais de uma vez por semana e 10% compram semanalmente.

Os dados apontam que a qualidade da fruta que chega ao varejista é elevada. Dos entrevistados, 50% afirmam que a banana chega em ótimo estado; 40% dizem que a banana chega em bom estado, enquanto 10% qualificam de ruim ou regular a mercadoria que chega aos seus estabelecimentos.

Da mesma forma, procurou-se saber se a sazonalidade influencia na fidelidade dos varejistas, com relação aos fornecedores. Os resultados mostram que 80% destes mantêm os mesmos fornecedores durante a entressafra, enquanto 20% mudam de fornecedores nos

períodos de baixa produção. O principal motivo dessa mudança é a procura por preços diferentes. Em geral, o acordo feito com o fornecedor prevê que o mesmo garanta a entrega do produto ao varejista, independente do período do ano.

No que tange a produtos industrializados oriundos da banana, 50% dos varejistas acham que existe demanda, enquanto 50% a consideram pequena ou inexistente. Entre os produtos industrializados, os mais vendidos são banana-passa e doce de banana. Deve-se lembrar que os produtos industrializados têm valor agregado, o que faz desse tipo de comércio um negócio, em geral, vantajoso financeiramente. Baseado nessa informação, deve ser estimulado de forma mais ativa o cultivo de variedades voltadas para a industrialização. Acredita-se na possibilidade dos produtores incrementar seus ganhos com essa fatia do mercado, que ainda é pouco explorada pelos produtores do país, assim como os do Ceará.

Procurou-se mais uma vez saber, através desses agentes de comercialização, da existência da prática de embalagem da fruta em estudo. Observou-se que 60% dos entrevistados recebem o produto sem proteção, enquanto 40% recebem a banana em contentores plásticos. Os maiores varejistas (hipermercados e mercadinhos) recebem em contentores plásticos, que na maioria das vezes, são fornecido por estes agentes

Pedi-se aos entrevistados para listar os principais pontos positivos e negativos na sua relação com os outros elos da cadeia. Dentre os aspectos positivos apontados, têm-se a responsabilidade e a honestidade dos fornecedores, indicados por 50% dos entrevistados. Além disso, a boa qualidade do produto foi mencionada por 40% dos varejistas. Destacam, ainda, que os acordos informais fizeram crescer a responsabilidade dos fornecedores, que passaram a se considerar parte integrante da empresa, contribuindo para uma melhor relação entre os mesmos. O aspecto negativo mais importante foi a baixa qualidade da fruta, citado por 40% dos entrevistados, paradoxalmente à ótima qualidade, em média, apontada pelos varejistas, em item anterior, para qualificar a fruta que lhes é entregue. Nas entrevistas, verificou-se que essa baixa qualidade, apontada agora como ponto negativo, refere-se à produção da entressafra. Outra causa da baixa qualidade, segundo os varejistas, diz respeito aos problemas no transporte do produto. O atraso na entrega, bem como a questão do preço, citados por 20% dos amostrados, também são questões que preocupam os agentes envolvidos nessa etapa da cadeia produtiva. Em menor escala (10%), tem-se a falta de padrão do produto comercializado; a redução da oferta de banana prata na entressafra; o desaparecimento do fornecedor no referido período e problemas de relacionamento entre os agentes envolvidos.

Consumidor Final

Inicialmente, os consumidores responderam sobre suas preferências, em termos das frutas consumidas. A consulta aponta que 52,50% destes têm a banana como a fruta mais consumida em suas residências, seguindo-se a laranja, com 30%, o mamão, com 10%, a maçã, com 5%, e a acerola, com 2,50% .

Em seguida, procurou-se identificar as principais razões para o consumo de banana. Os principais motivos foram: valor nutritivo (50%); sabor (42,50%); preço e outros (7,50%).

Foi também questionado sobre o conhecimento do consumidor com relação ao uso de agrotóxicos na referida cultura. Uma parcela de 32,50% acredita que não haja utilização de agrotóxicos; 32,50% acham que são utilizados em média escala; uma parte menor (25%) considera que este insumo é utilizado em alta escala, enquanto 10% não soube responder.

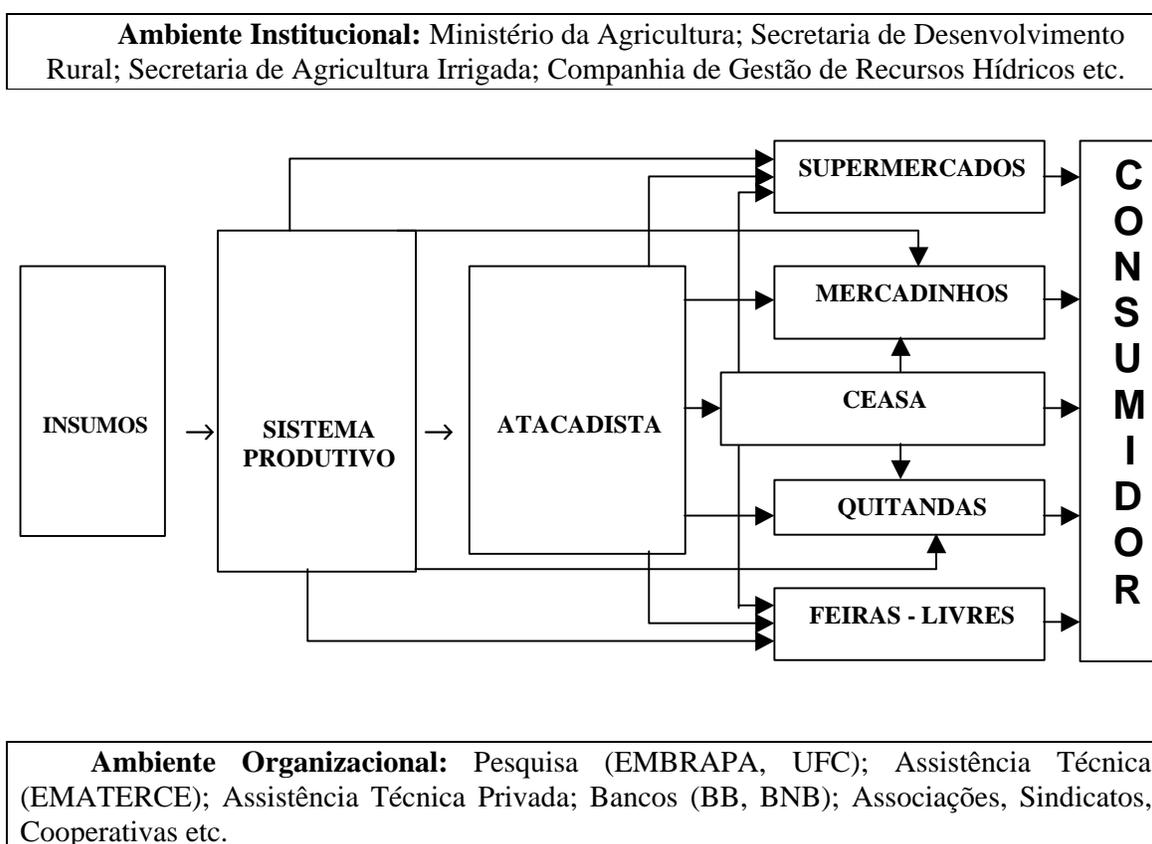
Quando indagados se estariam dispostos a pagar um preço mais elevado pela banana que possuísse um selo atestando a inexistência do uso de agrotóxicos, os consumidores entrevistados foram quase unânimes. A imensa maioria (92,50%) se disporia pagar a mais, enquanto 7,50% não estariam dispostos a arcar com essa diferença. Esses dados confirmam, mais uma vez, a tendência mundial de consumo de produtos orgânicos. Isso também serve

para mostrar que os mesmos podem ser comercializados a preços mais elevados que os produtos não-orgânicos, constituindo-se, assim, num alvo de mercado para algumas empresas interessadas em explorar esse nicho do mercado.

Em relação ao consumo de produtos industrializados, 62,50% afirmam consumir esses produtos sugerindo, assim, um potencial de demanda para esse tipo de produto.

Fluxograma da Cadeia Produtiva da Banana

Ao longo desse estudo, discorreu-se sobre os principais elos da cadeia produtiva da banana. O fluxograma mostrado a seguir sumariza e permite uma melhor visualização do caminho percorrido pela referida fruta desde o produtor até o consumidor final.



Caracterização de Demandas Prioritárias

O estudo procurou identificar algumas demandas que devem ser atendidas para que a produção de banana no Estado do Ceará seja incrementada, e que possa melhor remunerar os integrantes da cadeia, sem que se descuide de questões de sustentabilidade ambiental.

As principais demandas nos diferentes elos da cadeia produtiva da banana são as seguintes:

- Uso de variedades resistentes, visando a um maior controle de pragas e doenças, já que as cultivares exploradas no Ceará são altamente susceptíveis às mesmas.

- Utilização de sistemas de irrigação mais modernos. Com as limitações hídricas atuais, que poderão se agravar ainda mais no futuro, o uso de sistemas de aspersão convencional e de sistemas de irrigação por superfície não se sustentam, devido ao alto gasto de água e conseqüentemente alto custo. O uso de sistemas localizados (gotejamento, micro-aspersão, etc.) torna-se indispensável por medida de economia.

- Uso de mudas selecionadas. Em geral, plantios com maior nível tecnológico exigem mudas de meristema, criadas em laboratórios de biotecnologia. No caso de utilizar-se mudas de rizoma, procurar vendedores idôneos.

- Adoção de tratos culturais no cultivo da banana. O desbaste, que é fundamental para a cultura, quando é feito, faz-se de forma inadequada. Os tratos culturais são indispensáveis na condução de um plantio comercial.

- Adoção de sistemas de pós-colheita, que visem diminuir as perdas dentro da lavoura, através da construção de casas de armazenamento e embalagem *packing house*.

- Uso de sistemas de embalagem que diminuam as perdas durante o transporte do produto.

- Maior disponibilidade de crédito agrícola aos produtores integrantes da cadeia produtiva da banana no estado do Ceará.

- Maior disponibilidade de assistência técnica e extensão rural por parte dos órgãos responsáveis, a fim de orientar os produtores, principalmente, no que se refere a pragas e doenças.

- Pesquisas específicas sobre a cultura da banana, visto que, conforme as estatísticas, apresenta ainda importância econômica muito grande para o Estado do Ceará.

- Rotação de cultura, a fim de conservar os solos, que estão desgastados, já que nenhum mecanismo de conservação do solo é utilizado pelos produtores.

- Renovação dos bananeirais, a fim de incrementar a produção, uma vez que parte destes estão em pleno processo de declínio da produção.

- União dos produtores em sistemas cooperativos e associativos visando a um maior poder de barganha junto aos outros elos da cadeia.

- Estímulo ao comércio direto entre varejista e produtor, possibilitando, assim, maiores ganhos aos produtores que estiverem interessados em implementar essa relação comercial.

CONCLUSÕES

A tecnologia de produção utilizada em geral pelos produtores amostrados é atrasada. O cultivo é feito o ano todo, graças às condições edafo-climáticas. As variedades mais cultivadas nas áreas do estudo são a Prata e a Pacovan. O sistema de irrigação predominante é o de sulco de infiltração, seguido do sistema de aspersão convencional. A comercialização é feita na maioria das vezes por intermediários (atravessadores). Os produtores não estão organizados em cooperativas e/ou associações que os auxiliem no problema de escala e nas condições de venda desta fruta. Assim, o produtor, na maioria das vezes, não possui nenhum poder de barganha, tendo que aceitar preços muito baixos, o que causa muitas vezes a descapitalização. Verificou-se no estudo que esses produtores não têm atentado para a importância dos tratos culturais, indispensáveis no alcance de maior produtividade.

Não há perspectivas de melhora na produção nas áreas tradicionais, a despeito desse quadro de desmotivação, a cultura ainda é bastante importante para o Ceará, principalmente no que se refere ao seu caráter social, sendo a segunda cultura perene do Estado, em termos de área colhida. Não há visão global da cadeia produtiva e, portanto, não existe a preocupação de tentar capitalizar margens de outros elos envolvidos no processo.

Muitas cadeias de supermercado têm passado a atuar no ramo atacadista, partindo para o ganho de margens dentro da cadeia de comercialização. Aos atacadistas, resta o

abastecimento de outros segmentos do mercado, como os pequenos varejistas (feirantes, quitandas, mercadinhos).

Os varejistas apresentam-se como o elo mais unido da cadeia produtiva em questão, principalmente os grandes varejistas (supermercados). São, em geral, exigentes quanto à qualidade do produto e muitas vezes não estão dispostos a fazer acordos de redução de margens, o que mostra a pressão desse setor sobre os demais. O fato de os supermercados atuarem como atacadista e obterem grande parte da produção relativamente aos outros fornecedores, fortalece a posição privilegiada desse setor na cadeia pois torna mais fácil a união deste grupo em torno dos pontos de interesse comum.

Grande parte dos consumidores são conscientes da importância de consumir um fruto de boa qualidade e estão dispostos a pagar um preço mais elevado por produtos orgânicos, ou seja, que não utilizem insumos que possam trazer prejuízo a sua saúde.

O incentivo do governo para a produção de frutas com tecnologias mais modernas, inclusive irrigação em novas áreas do Estado do Ceará, poderá trazer sérios problemas para os pequenos produtores das áreas tradicionais, que não têm os mesmos incentivos, tornando suas atividades inviáveis e causando sérios problemas, inclusive êxodo rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAULA PESSOA, P.F.A. de. e LEITE, L.A.S. Cadeia produtiva do caju: subsídios para pesquisa e desenvolvimento. In: CASTRO, A.M.G. (ed.) et al. *Cadeias produtivas e sistemas naturais: prospecção tecnológica* – Brasília: EMBRAPA-SPI / EMBRAPA DPD. 1998.

LEITE, L.A.S. e PAULA PESSOA, P.F.A.de. *Estudo de cadeia produtiva como subsídio a pesquisa e desenvolvimento do agronegócio*. Fortaleza: EMBRAPA-CNPAT. 1996

BATALHA, M.O. (org.). *Gestão agroindustrial*, São Paulo: Atlas. 1997. V. 1.

ZYLBERSZTAJN, D. Cadeias agroindustriais – um esboço metodológico. In: J.L.T. Megido. C. Xavier. *Marketing e agribusiness*. São Paulo: Atlas. 1994.

FARINA, E. (org.). *Estudos de caso em agribusiness*. São Paulo: Pioneira. 1997.

CASTRO, A.M.G (ed.) et al. *Cadeias produtivas e sistemas naturais: prospecção tecnológica* - Brasília: EMBRAPA – SPI / EMBRAPA DPD. 1998.

LAKATOS, E.M. e MARCONI, M.A. – *Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis*.2.ed., São Paulo: Atlas. 1991.

MENDES, B.V. – *Alternativas tecnológicas para a agropecuária do semi-árido* – São Paulo: Nobel. 1985. (Projetos Nordesteiros).

ALVES, J.E. et al. *Banana para exportação: aspectos técnicos da produção*. 2. ed. rev. atual. Brasília: EMBRAPA – SPI, 1997 (Série Publicações Técnicas FRUPEX; 18).

SILVA, E.M.F (coord.) *Estudos sobre o mercado de frutas*. São Paulo: FIPE. 1999.

NOVAS variedades brasileiras de frutas.— Jaboticabal: Sociedade Brasileira de Fruticultura. 2000.

CEARÁ. Secretaria da Agricultura Irrigada. *Irrigando para a competitividade: PROCEAGRI* – Programa Cearense da Agricultura Irrigada. Fortaleza: SEAGRI, 2000.